
Três fases do humor: a subjetividade moderna, pós-moderna e hipermoderna

Marcio Acselrad¹
Katiuska Macedo Facó²

Resumo: A característica básica dos tempos hipermodernos, que tem início na segunda metade do século XX, é a cultura do excesso. As lentes dos óculos que usamos parecem estar desreguladas, com um grau maior do que o necessário. As coisas se tornam intensas e urgentes e a velocidade das mudanças é quase igual à velocidade da luz, levando as pessoas a viverem esta aceleração como angústia, incapazes de distinguir o que é realmente necessário e importante e o que é passageiro e transitório. Para acompanhar essa velocidade, há uma transformação nos estilos, uma identificação imediata com tudo que aparece, uma vez que falta tempo hábil para o exercício da dúvida e da criticidade. O objetivo deste trabalho é investigar o papel do humor nesta sociedade hipermoderna.

Palavras-chave: humor; hipermodernidade; comunicação

Abstract: The basic characteristic of the hypermodern age, beginning in the second half of the twentieth century, is the culture of excesses. The lenses we use seem to be unbalanced and things appear to be very intense and urgent, its speed coming close to that of light, leading people to suffer from anguish, since they are not able to distinguish what is really necessary and important and what is transitory. In order to follow such speed there is a transformation in styles, an immediate identification with everything that is new, since we lack the necessary time to doubt and criticize. The present article aims to investigate the role of humor in such hypermodern society.

Key-words: humor; hypermodernity; communication

Segundo Gilles Lipovetsky (2004), o termo “hiper” acrescentado ao radical “modernidade” é empregado para designar um incremento exagerado na intensidade dos valores criados pela era moderna. A característica desse período que tem início na segunda metade do século XX é a cultura do excesso. Para o autor, é como se as lentes dos óculos estivessem com o grau maior do que o necessário. Parece que os indivíduos imaginam tudo muito grande e, assim, as coisas se tornam intensas e urgentes. A velocidade das mudanças é quase igual à

¹ Doutor em Comunicação (Eco/UFRJ). Professor Titular (Universidade de Fortaleza / UNIFOR e Faculdade Sete de Setembro / FA7). Coordenador do Cineclubes Unifor e do LABGRAÇA: Laboratório de Estudos do Humor e do Riso.

² Graduada em Comunicação Social (Universidade de Fortaleza / UNIFOR).

velocidade da luz, levando as pessoas a viverem esta aceleração como angústia, incapazes de distinguir o que é realmente necessário e importante e o que é passageiro e transitório. Para acompanhar essa velocidade, há uma transformação nos estilos, uma identificação imediata com tudo que apareça, uma vez que falta tempo hábil para o exercício da dúvida e da criticidade. Nosso objetivo neste trabalho é investigar o papel do humor desde o início da era moderna até desembocar nesta sociedade hipermoderna.

Perceber os sinais com que se desenha a nossa problemática atual é uma busca arqueológica. Observar os modelos do que vivemos, como aponta Rainer (2007), já esfacelados pela velocidade, perigo e incerteza, é fundamental para refletir o real a partir de novas posições sociais, especificamente no que diz respeito às conexões que enxergamos claramente entre o progresso do conhecimento e a modificação da vida cotidiana.

Pesquisar o humor na sociedade hipermoderna pode ser considerado uma busca dessa evolução humana, pois as transformações ocorridas também foram construídas nas bases de humor, em tantas narrativas que fazem com que este fenômeno torne-se ferramenta essencial para o desenvolvimento da história. Por isso, a viagem de volta ao passado é necessária para a real percepção do atual momento do humor. Conhecer a história da sociedade e o resultado que suas modificações causaram na formação da personalidade do indivíduo hipermoderno é, assim, essencial para a nossa busca.

Iluminismo: o riso iluminado pelas sátiras

A evolução intelectual que vinha acontecendo desde o Renascimento, originou as idéias de liberdade política e econômica protegidas pela burguesia e ficou conhecida como o movimento cultural do Iluminismo, tendo se desenvolvido na Inglaterra, Holanda e França, nos séculos XVII e XVIII. Segundo Barbosa Filho (1993), os divulgadores dessas idéias, filósofos e economistas, achavam-se verdadeiros propagadores da luz e do conhecimento em uma sociedade que vivia nas trevas, por isso intitulavam-se Iluministas. O Iluminismo produziu enormes avanços, principalmente junto à Revolução Industrial, instalando espaço para a significativa mudança política, delimitada pela Revolução Francesa.

Uma das características marcantes desse movimento foi a forma deísta, da crença na presença de Deus, no homem e na natureza, elevando a razão como a principal habilidade de reflexão do ser humano. Assim, acreditava-se que não se havia necessidade de intermediador da Igreja entre Deus e o homem, e pregava-se a desagregação entre o Estado e a Igreja. Barbosa Filho (1993) faz uma analogia entre os relacionamentos na sociedade e os fenômenos naturais, afirmando que ambos obedecem a leis naturais do universo e sugere que os Iluministas prendiam a atenção da sociedade em revelar a dominação religiosa, a injustiça, o estado absolutista e as vantagens enquanto vícios de uma sociedade que, cada dia mais, desviava os homens do seu direito natural à felicidade.

Segundo a visão desses divulgadores, as sociedades que não se preocupavam e não se organizavam em volta da melhoria das condições de seu povo geravam uma realidade indigna de demonstrar, por provas lógicas, sua própria existência. Para Tomé (2000) essa era a realidade de uma sociedade que passava por grandes transformações, formada por pensadores que influenciavam, principalmente, a base da pirâmide social que sofria as conseqüências dos caprichos da burguesia. Dessa forma, as gravuras satíricas produzidas no Século XVIII reproduzem os fatos, os costumes e as modas do período e, também desenhavam os comportamentos sociais da época.

As transformações artísticas, culturais e políticas significativas, observadas na Inglaterra neste século, estão impressas nas gravuras sociais e políticas do seu tempo. A caricatura e a sátira eram ferramentas de controvérsia. John Gay, Jonathan Swif, Alexander Pope entre outros, imputavam humor e graça em suas obras literárias a um tempo satíricas e poéticas. William Hogarth incorporou, em suas sátiras gráficas e pinturas, os mesmos elementos. Percebe-se que através desses valores de imagens seria possível avaliar o ambiente social, político e cultural da época. Tomé (2000), aponta que os artistas sintonizavam-se a qualquer dessas áreas e, sobretudo, suas obras não retratavam o todo da sociedade.

Hogarth dominou a sátira social durante um período de quarenta anos até a morte do rei Jorge II. Segundo Tomé (2000), após sua morte, em 1764, a sátira gráfica sofreu impactante transformação, diminuindo sua produção, devido a fatos políticos que dominaram a atenção dos ingleses. Contudo a sátira não saiu de cena, surgindo a sátira política alavancada por James Gilray, com o intuito não só de pensar as diversas situações e comportamentos da sociedade, mas de interferir para transformar as mentalidades. Nota-se que o humor e a graça permaneciam como brumas, embotando uma sociedade rígida que, mesmo assim, conseguia gerar em seu útero pensadores que transportavam para o papel o desejo de rir de tudo aquilo que estava acontecendo, como se tivessem a certeza de que tudo era passageiro, até mesmo aqueles que se achavam enraizados no poder.

A busca da compreensão do humor na sociedade hipermoderna continua, agora com uma parada no ponto da era da modernidade, então, é necessário conceituarmos essa qualidade do moderno e procurar entendê-la como um processo da história no tempo linear, observando suas características. As relações sociais peculiares da modernidade têm suas raízes no projeto econômico, junto ao surgimento da máquina a vapor que estimulou o capitalismo relacionado diretamente com a Revolução Industrial e, no plano das idéias, o pensamento do Século das Luzes que, propagado a partir do século XVIII, articulava o desenvolvimento moral e material do homem pelo conhecimento.

Modernidade: o riso não é brincadeira

A tentativa de conceituação da modernidade pode descrevê-la como uma atitude, um modo de vida ou organização social, surgido na Europa em meados do século XVII e que devido a seu grande conceito tornou-se mundial. Descrita ao redor do tempo, a modernidade pode ser agregada a um período histórico e assim, torna-se um desafio analisá-la, pois é ao mesmo tempo – de acordo com Leitão (1997) - passado e presente. As intensas modificações sociais, econômicas e políticas incidiram, especialmente, entre o começo do século XIX até os dias atuais. O século passado foi marcado por guerras, a intimidação de confronto nuclear ainda que abreviada, a existência de diversos conflitos religiosos, étnicos e militares que configura um lado nebuloso do tempo presente.

Ainda para Leitão (1997), a modernidade se mostra, de fato, impregnada de várias interpretações, porém, na outra extremidade em que proporciona segurança, oferece ameaça, em que apresenta confiança, oferece perigo. Os indivíduos da sociedade são abordados por um ritmo impetuoso de mudanças, onde o progresso da comunicação recíproca nos coloca em vinculação com diversas partes do planeta sem que, no entanto, a expansão das forças de produção tenha trazido uma evolução expressiva na qualidade de vida dos homens. Contrariamente, vivemos uma situação embaraçosa em relação aos contrastes de nossa época: na fabricação angustiante da violência do nosso século; nos extraordinários progressos tecnológicos em contraste com a miséria e o analfabetismo da maioria da população; na crise com os padrões que por muito tempo adotamos como verdade absoluta e que, atualmente, não respondem suficientemente as nossas investigações ou inquietações; no desafio de coexistir com o diverso e com a multiplicidade de variantes, e na ambigüidade inflexível entre o que avaliamos velho e superado, e o novo, entre outros.

É necessário conhecermos algumas características da modernidade e suas dimensões éticas, pois as conseqüências daqueles tempos perduram até nossos dias. Percebendo esse cenário, a compreensão do humor nessa sociedade fica mais simples, para Neumann (2003) é como se estivéssemos assistindo a um filme de época e observando cada personagem no seu papel e o porquê de sua reação, de seus comportamentos, suas crenças, e seu estado de humor na sociedade em que vive.

Uma das características da modernidade foi a descoberta da máquina, onde o trabalho braçal foi substituído pela mecanização. Ainda de acordo com Neumann (2003), com a criação da máquina a vapor e o seu posterior emprego na produção, uma nova compreensão de trabalho veio alterar totalmente a estrutura social e comercial daquele período, instigando intensas e aceleradas transformações de ordem econômica, política e social que, num deslize de quase um século, foram maiores do que as modificações havidas no milênio anterior.

Segundo o autor, é o período conhecido como Revolução Industrial, que teve início na Inglaterra no século XVIII e velozmente se difundiu por todo o mundo civilizado, sendo dividida em duas etapas. A Revolução Industrial pode ser dividida em duas fases bem diferentes: a primeira inicia-se em 1780 e vai até

1860 e ficou conhecida como revolução do carvão e do ferro, onde a indústria e a agricultura tornaram-se mecânicas – agora não mais agia a química do ser humano, mas sim as leis de movimento – e a segunda fase, iniciada em 1860, e tendo o seu fim por volta do ano de 1945, com a difusão do uso do aço, a descoberta de novas fontes energéticas – eletricidade e o petróleo – e a modernização do sistema de comunicações, foi quando o processo de industrialização entrou num ritmo realmente acelerado.

Neumann (2003) indica que nessa primeira fase surgiram o *tear* mecânico, a máquina de fiar e o descaroçador de algodão. Com o emprego do vapor às máquinas, começam as mudanças nas oficinas – que tornaram-se fábricas – nas comunicações, nos transportes e na agricultura. A migração de agricultores para os arredores das fábricas causa o desenvolvimento das populações urbanas, como o aparecimento de favelas, a diminuição da qualidade de saúde e, por conseguinte, o acréscimo da mortalidade. Faz parte, também, dessa fase o aceleração das comunicações e dos transportes, surgindo a navegação a vapor, a substituição da roda propulsora pelas hélices, a locomotiva a vapor, a primeira estrada de ferro, o telégrafo elétrico, o selo postal, o telefone. Percebe-se que com todas essas características existe cada vez mais um controle capitalista em quase todas as áreas da atividade econômica.

De acordo com o autor, a segunda fase, ficou conhecida como a revolução do aço e da eletricidade e foi causada por três fatos relevantes: o novo modelo de fabricação do aço, o aprimoramento do dínamo e a criação do motor de combustão interna. Algumas de suas principais peculiaridades foram a permuta do ferro pelo aço como material industrial fundamental, a substituição do vapor pela eletricidade e pelos derivados de petróleo, a especialização profissional e o aumento da administração da indústria pela ciência. A máquina é atribuída, definitivamente, como indispensável à atitude cooperativa do trabalho, à obrigação de uma regulação social. Porém, o uso capitalista das máquinas conduz a um rumo autoritário, às regras administrativas sobre o operário, intencionando a extorsão da mais-valia pelos componentes do quadro administrativo. Os empregadores obtêm simples regulamentação social, o que na verdade é o seu programa autoritário. Para conseguir cooperação na indústria, os cargos diretivos modificam-se de regras de controle em regras de repressão.

Outra característica da modernidade marcada por Newmann (2003): o processo industrial que aumentou a produtividade e diminuiu o tempo de uso das máquinas, com isso gastava-se menos energia, os custos eram reduzidos e, conseqüentemente, o lucro era bastante grande para o patrão. Diante da ótica de Marx (*apud* COHN; MARSIGLIA, 1999 p. 60) “a dinamização do processo de produção, passou-se a investir em uma organização de trabalho mais lucrativa, visando uma maior produção em um menor tempo”.

Ainda de acordo com Cohn e Marsiglia (1999), nos impactos sociais os padrões de vida eram instáveis e flutuavam rapidamente a curto prazo, podendo erguer-se ou declinar-se de forma insignificante a longo prazo. Com o processo de industrialização, a alteração tornou-se sucessiva, evidente e sistemática. A

conseqüência mostrou-se no acréscimo visível da produção nacional e suas rendas *per capita* em compasso ainda mutável. Coligada com a Revolução Industrial no tempo e com uma afinidade complexa de causa e efeito se ampliou uma revolução demográfica cujo processo não é ainda inteiramente compreendido. Entretanto, uma das características que distingue a moderna economia industrial (ou processo de industrialização) de suas precursoras na cronologia do desenvolvimento econômico é que a primeira provoca um desenvolvimento consecutivo em longo prazo, tanto em população como em produção.

Para Arruda (1975), os impactos ambientais, também, como característica da modernidade, desde a fronteira entre o homem subordinado a natureza e soberano dela, são apontados como conseqüência da Revolução Industrial. Esses impactos passaram a crescer em ritmo acelerado, chegando a provocar desequilíbrio em escala global, não mais restrito só a uma determinada região. Ele ressalta que as repercussões foram bastante intensas. “Ao mesmo tempo em que a Inglaterra se transformava no principal produtor e exportador de produtos manufaturados, a população dos centros urbanos cresceu consideravelmente” (ARRUDA, 1975, p. 130). Foram realmente impactantes essas transformações para os indivíduos dessa sociedade, onde todo um paradigma de vida tranqüila e saudável foi transmutado para a agitação e suas conseqüências químicas no corpo desse indivíduo:

[...] há anos, chaminés expelindo fumaça significavam progresso, atualmente significam perigo ou veneno. O desenvolvimento acelerado da industrialização, o crescimento vertiginoso de veículos automotores, o uso de inseticidas e pesticidas, o volume assustador de detritos lançados em esgotos e do lixo urbano, estão matando vegetais, animais e diminuindo a capacidade de resistência do próprio homem a inúmeras doenças (Arruda, 1975, p. 134).

Em nome do avanço e do desenvolvimento, o homem cometeu, desde a revolução industrial, o aniquilamento sistemático dos meios ambientes naturais. Ocorrem as depredações e saques de toda espécie, atribuídas ao solo, a água, a vegetação e atmosfera da Terra. A poluição causa efeitos - aquecimentos do clima, exaustão da camada de ozônio, chuvas ácidas - que colocam em risco o futuro de nosso planeta. A extensão de acidentes ecológicos, e dos problemas erguidos por eles, incomoda todos os cidadãos do planeta Terra. A dissipação de várias espécies da fauna e da flora indica preocupantes desequilíbrios. Para Ramonet (1997), resguardar a diversidade da vida torna-se um imperativo: “Com efeito, a riqueza da natureza é, em primeiro lugar, sua diversidade” (RAMONET, 1997, p.9).

Pós-modernidade : se o sistema propõe, o indivíduo dispõe

No livro as “As origens da pós-modernidade”, Perry Anderson (1999), aponta que o conceito de pós-modernismo aparecera pela primeira vez na década de 1930, no mundo hispânico, e somente na década seguinte é que viria surgir na Inglaterra ou nos Estados Unidos. O autor fala que o termo

postmodernismo foi usado por Frederico de Onís para descrever um refluxo conservador dentro do próprio modernismo. Essa idéia de um estilo pós-moderno, a priori, não teve maior ressonância, e somente vinte anos depois, nos limites da Segunda Guerra Mundial, em 1954, em seu oitavo volume do “*Study of History*”, Arnold Toynbee empregou a expressão idade pós-moderna para determinar a época iniciada com a guerra franco-prussiana. Mais tarde, segundo Anderson (1999), o termo foi usado com valor circunstancial, por Charles Olson, também por Wright Mills, mas ganharia difusão mais ampla, somente na década de 70.

Ainda de acordo com o autor, a primeira abordagem filosófica, aconteceu em 1979, em “A Condição Pós-Moderna”, de J. F. Lyotard, que considerou a chegada da pós-modernidade conectada ao nascimento de uma sociedade pós-industrial, onde o conhecimento era a força econômica cardinal da produção, e a pós-modernidade era uma mudança geral na condição humana. No livro citado, Lyotard (1979) apontou o eclipse de todas as narrativas grandiosas. A morte do socialismo clássico, a redenção cristã, o progresso iluminista, o espírito hegeliano, o racismo nazista e o equilíbrio econômico.

Holgonsi Siqueira (2002) indica que o contexto histórico pós-moderno é caracterizado por grandes transformações e intensos desenvolvimentos do campo tecnológico, da produção econômica, da cultura, da sociabilidade, da vida política e da vida cotidiana. E Jameson (1982) fala de um fenômeno que expressa, dentre muitas outras coisas, uma cultura de globalização e da sua ideologia neoliberal. Para ele, a base material da pós-modernidade seria a globalização econômica, com todas as implicações que este fenômeno significa para as sociedades e os sujeitos.

Sejam bem-vindos ao pós-modernismo: ao mundo do espetáculo da mídia, do sumiço da realidade, do fim da história, da morte do marxismo e de um grande número de outras alegações deste milênio [...]. A sociedade aproximou-se da beira do mundo agora nivelado, alegam os pós-modernistas, e a única coisa que conseguimos saber com certeza é que não podemos compreender o que nos levou para lá ou o que existe abaixo de nós, no abismo (STABILE, 1999, p. 146).

O pós-modernismo, para Stabile (1999), é visto imprecisamente como uma época histórica – a sociedade pós-industrial, pós-fordista ou mesmo pós-capitalista – onde o consumo passou bastante à frente da produção, tornando aquela sociedade dividida entre trabalhadores e capitalistas e a luta de classes, um conceito obsoleto. “As pessoas não se identificam mais como classe, mas sim, através de identidades mais particulares, ou seja, de pequenos grupos” (STABILE, 1999, p. 147). A autora nos faz perceber que aqueles princípios totalizantes da modernidade e do iluminismo – como a racionalidade, progresso, humanidade e justiça, por exemplo – foram minados na ótica pós-modernista.

Apesar de conhecermos vários autores que concordam com o rótulo de “pós-modernidade” para a denominação dos tempos atuais, há importantes vozes discordantes. Em 2003, o francês Jean Baudrillard foi entrevistado por

Luís Antônio Giron, e ao comentar sobre suas idéias, consideradas pós-modernas, disse abertamente que “hoje o pensamento é tratado de forma irresponsável. Tudo é efeito especial. Veja o conceito de pós-modernidade. Ele não existe, mas o mundo inteiro o usa com a maior familiaridade. Eu próprio sou chamado de pós-moderno, o que é um absurdo”. Ainda na mesma entrevista, ao ser questionado se a pós-modernidade não seria um conceito teórico racional, respondeu que seria piada chamá-la de conceito teórico, “a noção de pós-modernidade não passa de uma forma irresponsável de abordagem pseudo-científica dos fenômenos. Trata-se de um sistema de interpretações a partir de uma palavra com crédito ilimitado, que pode ser aplicada a qualquer coisa” (ÉPOCA, 2003, p. 26).

Jair Ferreira dos Santos, poeta, ficcionista e ensaísta paraense, enxerga o pós-modernismo como um ecletismo, como uma mistura de estilos e de tendências, abrigados sob o mesmo nome. Para Santos (1986), o pós-modernismo não tem unidade:

[...] é aberto, plural e muda de aspecto se passamos da tecno-ciência para as artes plásticas, da sociedade para a filosofia. Inacabado, sem definição precisa, eis por que as melhores cabeças estão se batendo para saber se a condição pós-moderna – mescla de purpurina com circuito integrado – é decadência fatal ou renascimento hesitante, agonia ou êxtase. Ambiente? estilo? modismo? charme? (SANTOS, 1986, p. 17).

De acordo com ele, o pós-modernismo é o nome aplicado às mudanças ocorridas nas sociedades avançadas desde 1950, e ainda nas ciências e nas artes das mesmas, e, além disso, é quando se encerra o modernismo (1900-1950). Santos (1986) fala que ele surge com a arquitetura e a computação nos anos 50, vai tomando corpo com a arte Pop na década de 60, se desenvolve ainda mais ao entrar pela filosofia, durante os anos 70, como crítica da cultura ocidental, e hoje se torna maduro, espalhando-se pela moda, música, cinema e cotidiano programado pela tecnociência, sem que ninguém saiba se é decadência ou renascimento cultural.

Para ele, o motor à explosão detonou a revolução moderna há um século e, agora, o chip, controla e prende o sujeito pós-moderno, pois a tecnologia, cada dia mais, programa o nosso dia-a-dia. Santos (1986) assinala que na economia, o fantasma pós-moderno percorre a sociedade de consumo, que vive a fase do consumo personalizado, tentando seduzir indivíduo até levá-lo a sua moral hedonista – os valores calcados no prazer de usar bens e serviços. Se a fábrica era o templo moderno; o shopping é o altar pós-moderno. O estilo de vida e até de filosofia também mudaram:

Sai-se cedo de casa, casa-se tarde, descasa-se com facilidade e, sobretudo, reproduz-se pouco. O lar afunda. [...] No lugar da família guardiã moral, apoio psicológico, a pós-modernidade propõe ligações abertas tipo amizade colorida. O swing é experiência válida e a educação evolui para o pessimismo (ninguém expulsa a filha de casa só porque ela deu uma bimbadinha com o namorado) (SANTOS, 1986, p. 34).

Segundo Santos (1986), com a queda da crença em Deus e nos grandes ideais do passado, o homem moderno valorizou a Arte, a História, o Desenvolvimento, a Consciência Social para se salvar. Já o homem pós-moderno, sem a ilusão da existência do Céu e sem enxergar um sentido para a História, se entrega ao presente e ao prazer, ao consumo e ao individualismo. Os modernistas complicaram a arte, por exemplo, por levá-la demasiado a sério. Os pós-modernistas querem rir levemente de tudo. A angústia desse tempo remete ao nada, ao vazio, à ausência de valores e sentido para a vida.

Outro ponto importante que ele traz à discussão refere-se à relação entre modernismo e pós-modernismo. Nos seus dizeres, é relação ambígua, pois se o individualismo atual nasceu com o modernismo, por exemplo, esse exagero narcisista seria um acréscimo pós-moderno. Se antes aquele homem gerado pela civilização industrial, mobilizava as massas para as amplas lutas políticas; esse homem que agora vive na sociedade pós-industrial, dedica-se às minorias – sejam estas raciais, culturais ou sexuais – e, por isso mesmo, atua apenas no micro-cosmos do cotidiano, do imediato. Se a sociedade moderna solidificou o consumo personalizado, a pós-modernidade empurra nos indivíduos uma moral hedonista, onde os valores estão pautados no consumo imediato e onde os bens materiais são as maiores fontes dos prazeres individuais. As pessoas estão cada vez mais olhando para os próprios umbigos, se concentrando em e investindo si mesmos – informação, lazer, saúde, aprimoramento profissional, etc. – e hiperprivatizando suas vidas.

Ainda para Jair Ferreira Santos (1986), a vida pós-moderna é um espetáculo sem fim da moda, da publicidade e dos meios de comunicação. Com embalagens atraentes e apelativas, o design embeleza esse cotidiano transbordante de objetos e imagens, tornando-os verdadeiras iscas de sedução. Os meios tecnológicos de comunicação são na realidade, meios de simulação – não nos informam sobre o mundo; “eles o refazem à sua maneira, hiper-realizam o mundo”.

A modernidade, produtora de energia era dominada pela força (máquina, armas, disciplina, polícia). A pós-modernidade, consumidora de informação, motiva e controla basicamente pela sedução (personalização, comunicação, erotismo, moda, humor). Seduzir quer dizer atrair, encantar artificialmente. O cotidiano, hoje, é o espaço para o envio de mensagens encantatórias destinadas a fisgar o desejo e a fantasia, mediante a promessa da personalização exclusiva. Self-service para você escolher. Música 24 horas na FM para seu deleite. Esportes para seu corpo. À personalização aliam-se o erotismo, o humor e a moda, que não deixam espaços mortos no dia-a-dia. O erotismo vai dos anúncios ao surto pornô, passando pela cultura psi e seu convite ao desrecale. O humor, outra sedução massiva pósmoderna, sabor dos tempos, descontraí e desdramatiza o social (SANTOS, 1986, p. 19).

Para concluir esta etapa, Santos nos fala de mais uma diferença: enquanto na arte moderna, ria-se com o absurdo, com assunto sério, nestes tempos, ri-se sem tensão, sem preocupação, ou, nos dizeres do autor –

desencuca-se. Manchetes de jornais e revistas fazem uso dos trocadilhos, slogans publicitários recorrem à malícia, as lojas se permitem receber nomes engraçados e camisetas levam ditos divertidos. É costumeiro ouvirmos locutores de rádio brincarem com os ouvintes e “na TV noticiários são temperados com pitadas irônicas. Esse humor não é agressivo nem crítico. Busca um bem-estar *cool*. Não-esquenta, fica frio dão o tom pós-moderno” (SANTOS, 1986, p. 46).

O autor indica que o pós-modernismo é o túmulo da fé, que o homem gerado por estas épocas não é religioso e sim psicológico, pois se dedica bem mais ao desenvolvimento da mente do que à salvação da alma. Ao indivíduo pós-moderno o que importa é um ego sem limites, e não uma consciência vigilante, como no caso das religiões, interessa-o a satisfação do aqui agora, sem esperança e sem preocupação alguma com o futuro.

Hipermodernidade – aqui, agora e sempre mais

Em seu livro “A Era do Vazio”, o sociólogo francês Gilles Lipovetsky (2005) analisa os efeitos da passagem da modernidade para a pós-modernidade, cuja transição teria se dado entre os anos 60/70, e cuja característica principal seria a autonomia do indivíduo pós-moderno em ruptura com o mundo da tradição e suas estruturas de normalização. Contudo, o autor afirma que essa liberação não resultou no desaparecimento dos mecanismos de controle; que se adaptaram de tal modo a se apresentarem de forma menos impositiva ao sujeito.

Segundo ele, ao invés da disciplina, que deveria submeter os indivíduos a uma padronização de suas condutas, a era pós-moderna atua segundo o processo de personalização, que reflete uma nova organização da sociedade e dos comportamentos com “a máxima possibilidade de escolhas privadas possíveis, com o mínimo de austeridade e o máximo de desejo possível, com o mínimo de coerção e o máximo de compreensão possível” (LIPOVETSKY, 2005, p. 2).

Assim, a pós-modernidade pode ser vista como paradoxal, pois expõe a coexistência entre duas lógicas aparentemente opostas: uma que estimula a autonomia do indivíduo e, outra, que o chama à dependência. Como o autor descreveu em “A Era do Vazio”, o hedonismo, o gosto pelas novidades, a promoção do fútil e do frívolo, a vontade de expressar uma identidade singular, seriam traços do individualismo narcísico pós-moderno, dessa forma apresenta Narciso, ícone pós-moderno, uma figura *cool*, flexível e libertária. É nesse contexto que Lipovetsky insere sua principal indagação: será que desde os anos 80, ainda estaríamos submetidos a este mesmo modelo de individualismo narcísico?

Baseado nesse questionamento é que Lipovetsky escreve outro livro de sucesso, desta vez com a colaboração de Sébastien Charles, filósofo e professor da Universidade Sherbrooke, no Canadá: “Os Tempos Hipermodernos”. Nesta obra, Lipovetsky (2004) também discute a pertinência do conceito pós-

modernidade, além de definir e descrever o que há de melhor e de pior na hipermodernidade.

O pós de pós-moderno ainda dirigia o olhar para um passado que se decretara morto; fazia pensar numa extinção sem determinar o que nos tornávamos, como se tratasse de preservar uma liberdade nova, conquistada no rastro da dissolução dos enquadramentos sociais, políticos e ideológicos (LIPOVETSKY, 2004, p. 52).

Para o autor, empregar o termo pós-modernidade para descrever os tempos atuais, seria ambíguo, problemático e incorreto, pois este termo produz um sentido de para além da modernidade, marcando uma ruptura em relação aos modelos modernos. Segundo ele, há muitos anos o termo pós-moderno já dava oxigênio e sugeria o novo, agora esse conceito já ganhara rugas. Como afirma, a pós-modernidade deve ser vista, no máximo, como uma fase de transição ocorrida entre os anos 60/80 que apresentou para o mundo o indivíduo autônomo, liberto dos freios institucionais, das ideologias políticas e das normas da tradição, característicos da modernidade.

Lipovetsky (2004) sugere que os indícios nos levam a enxergar que entramos na era onde tudo se tornou “hiper”: hipercidades, hipermercados, hiperpotências, hiperterrorismo, hipercapitalismo, uma cultura do excesso, do hiperexagero, cujos pilares se assentam nas noções de hipermodernidade, hiperconsumo e hipernarcisismo. Assim, o autor escreve que após a transição cultural proporcionada pela pós-modernidade, entra em cena a hipermodernidade – o que ele chama de segunda revolução moderna.

A hipermodernidade, para o autor, é o período contemporâneo que surge no cenário mundial a partir dos anos 90 e que tem por principais características: a hiperfuncionalidade; a cultura do imediatismo e do sempre mais; o individualismo paradoxal; o movimento e a fluidez; a instabilidade e a dualidade, onde a frivolidade disfarça uma emotividade angustiada; e o declínio das tradicionais estruturas de sentido, onde os grandes sistemas de representação de mundo são tomados como objeto de consumo. “Chegamos ao ponto em que a comercialização dos modos de vida não encontra mais resistências estruturais, culturais ou ideológicas, e onde as esferas da vida social e individual são reorganizadas em função da lógica do consumo” (LIPOVETSKY, 2004, p. 41).

Para o autor, o hiperconsumo absorve cada vez mais partes da vida social, sustentado por uma lógica hedonista e emotiva que produz em cada sujeito o desejo de consumo, bem mais em função do prazer que este pode lhe proporcionar do que como meio de comparação com os demais indivíduos. O princípio do hiperconsumo se baseia na busca de emoções e de prazer, no cálculo utilitarista das relações sociais e de trabalho e na superficialidade da expressão dos afetos.

Com relação ao hipernarcisismo, fala da “época de um Narciso que se toma por maduro, responsável, organizado, eficiente e flexível, e que dessa maneira, rompe com o Narciso pós-moderno, hedonista e libertário” (LIPOVETSKY, 2004, p. 26). Mas, como podemos pensar em Narciso maduro,

se esse sujeito hipermoderno insiste em continuar sendo um eterno adolescente, ou “adulescente”, que se recusa a assumir plenamente a idade adulta? E o que dizer de Narciso responsável, se a cada dia observamos a multiplicação de comportamentos irresponsáveis, evidenciados pelo fato de as declarações de intenção não serem mais seguidas de qualquer efeito ou punição? Se à medida que aumentam as condutas responsáveis, cresce igualmente a irresponsabilidade?

Em uma entrevista publicada em 14 de março de 2004, ao “Caderno Mais!”, da Folha de São Paulo, Lipovetsky afirma que a sociedade hipermoderna é uma sociedade esquizofrênica em que convivem, de um lado, uma sociedade hiperfuncional, funcionalidade da técnica, da ciência, que trabalha cada vez mais critérios mensuráveis, de eficácia e operacionalidade. Paralelamente, assiste-se à ascensão de comportamentos disfuncionais e os dois existem juntos. Logo, tem-se de um lado uma sociedade em que cada vez mais impera a ordem e, de outro, a desordem – no fundo, um quadro de patologia e de caos.

A sociedade hipermoderna é paradoxal na medida em que vive repartida entre a apologia do excesso e o elogio à moderação. Em “Os Tempos Hipermodernos” (2004) esse paradoxo acaba por gerar uma desestabilização emocional e uma fragilização do indivíduo. Nestes moldes, o sujeito hipermoderno mostra-se amedrontado diante de um futuro incerto, complexo e ambivalente: se em um momento ele é estimulado a valorizar a saúde, o equilíbrio e a prevenção; em outro, se deixa levar pela lógica do excesso, revelando comportamentos extremamente excessivos. É o que podemos constatar, por exemplo, com relação à alimentação, onde notamos condutas anoréxicas – que indicam uma patologia excessiva de controle (ou descontrole!) – ou comportamentos bulímicos – que revelam o excesso do consumo.

O indivíduo hipercontemporâneo (ou hipermoderno), mais autônomo, é também mais frágil do que nunca, na medida em que as obrigações e as exigências que o definem são mais vastas e mais pesadas. A liberdade, o conforto, a qualidade e a expectativa de vida não eliminam o trágico da existência; pelo contrário, tornam mais cruel a contradição (TAVOILLOT *apud* LIPOVETSKY, 2004, p. 8).

Ainda com relação ao homem hipermoderno, Lipovetsky (2004) o define como um ser dependente da ação, que está arraigado na lógica do aproveitamento instantâneo e centrado no imediato. E completa dizendo que é um sujeito hipercompetitivo e apressado; que aspira viver sobre o máximo de registros ao mesmo tempo, e triunfar sobre o vazio, sobre o tempo, sobre a angústia da transitoriedade da vida, ou seja, sobre a morte.

Essa pressa de que falamos, essa urgência tão buscada pelos homens deste período, ou, conforme as palavras do autor, a “tirania do tempo real”, se constitui como o sinal mais aparente da relação que o indivíduo hipermoderno estabelece com o tempo, expondo-se sedento à vivência da temporalidade. O culto à urgência aparece assim como uma manifestação frenética do desespero do indivíduo para com o tempo, o que afeta intensamente a maneira de se

pensar, de pensar os outros, de conceber e de praticar a política, leia-se: de se inscrever como indivíduos na coletividade.

Pode-se inferir do discurso do autor que o sujeito acredita que pode possuir e dominar o tempo segundo o seu desejo. Assim, o tempo surge como um objeto, algo palpável, um bem que todos buscam adquirir, e as expressões usadas para a nominação do tempo fazem, por vezes, a ligação deste com o dinheiro, o que é próprio do imaginário capitalista, vejamos: “tempo é dinheiro”. Além desse mais conhecido, podemos citar vários outros que, de alguns anos para cá, entraram em uso com uma frequência bem maior, como: “é pra já”, “não temos tempo”, “estados de urgência”, “é pra ontem”, “a ditadura do tempo real”, “falta de tempo”, “é urgente”, entre outros.

Se antes, a preocupação das pessoas e da sociedade era o futuro – futuro promissor – agora, é o presente. Presente cuja palavra de ordem é a novidade, o consumo, um presente cheio de entusiasmo. Não se caracteriza pela falta e nem pela lentidão, mas pelo excesso – de bens, de imagens, sons, busca de prazer e por tudo em tempo real. Como vemos, o indivíduo hipermoderno acelera drasticamente seu ritmo para adequar-se à imediatez de uma rotina marcada pela síndrome do correr contra o tempo, pelo culto ao perfeccionismo e, principalmente, pela vontade de ter sempre mais – e em menos tempo! Essa é a nossa época e, por isso, podemos encará-la como a era do aqui, agora e sempre mais.

Conclusão: humor moderno e humor hipermoderno: luzes e sombras

O humor – a capacidade de se perceber algo como engraçado – é universal. Não existe cultura humana sem ele, dessa maneira podemos dizer que é um elemento necessário à humanidade. Ao mesmo tempo em que é unânime e geral, o humor também é bastante específico. Basta pensarmos que o que é engraçado para nós brasileiros, pode não fazer o menor sentido e, conseqüentemente, não provocar nenhuma resposta humorística, para alemães, ou suecos, ou finlandeses, etc. O que parece engraçado às pessoas, e o que elas fazem para produzir humor, muda imensamente de uma época para outra, de uma sociedade para outra, de uma cultura para outra.

Assim, sendo o humor uma constante antropológica, historicamente relativa, ele se faz importante na busca pela compreensão da evolução da sociedade e do comportamento dos indivíduos inseridos nela. Tendo isso em mente, nos dispusemos a estudar o humor e suas transformações ao longo dos anos, a fim de contrastar as diferentes manifestações nas diferentes épocas e de compreender melhor o humor produzido na hipermodernidade.

Lipovetsky (2004) diz que em outros tempos o humor era esclarecedor, crítico, aliado da razão, enquanto hoje, esse humor está tão generalizado que perdeu sua característica de crítica social, de ferramenta do esclarecimento para se transformar em pura diversão e entretenimento. Será verdade? Segundo Minois (2003), o riso humano e interrogativo é decorrente do pensamento

moderno, pois é justamente nessa época que as certezas e os valores começam a ser questionados. O humor nessa fase deixa de ser grotesco e torna-se civilizado. O historiador fala que a incerteza sobre os valores, o medo, a angústia e a queda das verdades é que fazem com que o riso se espalhe. E que as características desse riso estão diretamente relacionadas às qualidades da modernidade, como o intelectualismo e o controle emocional. Aqui, rir é duvidar, é colocar em cheque.

Nos dias de hoje, Minois (2003) fala de um humor lúdico, positivo, desenvolto. Humor esse que não tem pretensão de criticar, não deseja ser profundo e limita-se a criar um ambiente de felicidade sem avesso. Nas palavras de Lipovetsky (2005), nós vivemos em uma “sociedade humorística”, na qual se assiste a um desenvolvimento generalizado do estilo humorístico, que domina desde a publicidade aos slogans das manifestações políticas; da moda aos artigos científicos; da arte aos meios de comunicação de massa. Tudo isso é caracterizado por um clima irreverente, onde a espontaneidade passa a ser o valor privilegiado. Elogiamos o riso - seus méritos, suas virtudes terapêuticas e sua força corrosiva diante dos excessos ou dos fundamentalismos. Nada deve ser pesado ou sério, a orientação geral é a de que a vida deve ser vivida de modo *cool*, ou *light*, isto é, sob a bandeira da descontração.

Um novo estilo descontraído e inofensivo, sem negação ou mensagem, surgiu, caracterizando o da moda, dos artigos jornalísticos, dos programas radiofônicos, da publicidade, de numerosas histórias em quadrinhos. O cômico, longe de ser a festa do povo ou do espírito, tornou-se um imperativo social generalizado, uma atmosfera *cool*, um clima contínuo a que o indivíduo é submetido até no seu cotidiano (LIPOVETSKY, 2005, p. 112).

Esse humor vigente seria, para ele, acrítico e gratuito, humor de massa próprio de uma sociedade hedonista na qual é o instrumento privilegiado para a promoção de uma proximidade cordial e de uma atmosfera de comunhão liberta de tensões. Assim, o humor hipermoderno seria uma espécie de lubrificante social. Para o autor, o lado do fenômeno humorístico da atualidade é inseparável da era do consumismo:

A sociedade, cujo valor cardeal passou a ser a felicidade e massa, é inexoravelmente arrastada a produzir e a consumir em grande escala os signos adaptados a esse novo *éthos*, ou seja, mensagens alegres, felizes, aptas a proporcionar a todo momento, em sua maioria, um prêmio de satisfação direta (LIPOVETSKY, 2005, p. 130).

Lipovetsky (2005) ainda afirma que é a publicidade que revela de modo mais evidente a natureza do fenômeno humorístico: VTs, spots, cartazes, outdoors, anúncios de jornal e revista, renunciam cada vez mais aos discursos sentenciosos e rigorosos em detrimento de um estilo feito de jogos de palavras, de fórmulas indiretas, de desenhos engraçados, de paradoxos, de exageros, entre outros. Além da propaganda, a moda é outro indicador do fenômeno humorístico. Basta folhearmos as revistas de modas ou olhar para as vitrines para nos percebermos: camisetas, bolsas, meias com desenhos ou inscrições espirituosas. Desta forma, eliminando tudo o que se cobre de seriedade, a moda

liquida as últimas sequelas de um mundo disciplinado, corretinho demais e torna-se maciçamente humorística.

Minois (2003) não chega a afirmar que exista uma quarta fase do riso, mas arrisca dizer que o riso humano está em declínio. Para ele, em sua fase mais contemporânea, o riso se tornou produto de consumo amplamente difundido pelos meios de comunicação na “sociedade humorística”. Com lástima, ele fala de uma banalização e midiaticização do riso vazio quando a agressividade do humor foi encampada pelo desinteresse generalizado e pela incapacidade de significar. Minois considera que, “na unanimidade midiática, o riso da tribo dos telespectadores é mimético” (MINOIS, 2003, p.622), inofensivo e desarmado, usado apenas como estratégia útil de convívio indiferente. Indo além, ele ainda se questiona: “o que haveria ainda para dessacralizar?” (MINOIS, 2003, p. 620).

Para Lipovetsky (2005), o humor hipermoderno não tem uma grande utilidade, não tem como objetivo satirizar ou criticar nada e nem ninguém, serve somente para rir, para mascarar a perda de sentido. Zombar, brincar, se divertir passa a ser a maneira ideal de encarar a realidade, de fechar os olhos e passar por cima do buraco, do vazio. O riso desta fase se baseia apenas em criar um ambiente saudável de felicidade, sem pretensões; nas palavras do autor, hoje o humor pede o espontâneo, o natural.

Nesse mesmo sentido, Acselrad (2004) indica que o humor realmente mudou seu papel na sociedade, estando agora reduzido ao seu ponto mais vulgar: o entretenimento. Sendo assim, somente mais uma maneira de diversão, de passar o tempo e até, de incentivar o consumo.

A derrisão generalizada já não parece mais ter o poder de corromper, de inverter, de transformar. Seu papel comunicacional e midiático busca a tudo incluir. Não podendo ficar ninguém de fora, perde-se o caráter revolucionário e transformador em nome do puro entretenimento (ACSELRAD, 2004, p. 11).

Numa sociedade que trabalha loucamente sem saber exatamente o motivo, rir é uma saída. Se não se sabe o sentido da vida, é melhor rir disso e celebrar numerosas festas, em que as grandes questões existenciais são escamoteadas, esquecidas. O riso, manifestação que diferencia os homens dos outros animais, é visto assim como uma maneira de suportar o ônus de uma existência fadada à morte. A vida passa a ser aceita sem busca de compreensão e assumida sem seriedade, pois tentar desvendá-la em profundidade pode gerar – como geralmente o faz – sofrimento. “O humor aqui já nada tem haver com o espírito, como se tudo o que tivesse certa profundidade pusesse em perigo o ambiente de proximidade e comunhão. O humor, doravante, é aquilo que seduz e aproxima os indivíduos” (LIPOVETSKY, 2005, p. 131).

Como resultado desta idade do consumo e do excesso – a hipermodernidade – o processo humorístico inverte o domínio dos significados sociais, os valores superiores tornam-se paródicos e incapazes de suscitar qualquer emoção mais profunda. Os referenciais de outrora perdem sua importância e esvaziam-se de sua substância por conta dos valores hedonistas e narcísicos. É fácil de compreendermos isso, se pensarmos que os valores que

estruturavam ainda o mundo da primeira metade do século XX – hierarquia familiar, poupança, castidade, consciência profissional, sacrifício, esforço, pontualidade, autoridade, entre outros – já não inspiram respeito, e convidam mais ao riso do que à reverência. Ultimamente, mesmo as coisas mais sérias, mais solenes – e, sobretudo essas – adquirem um tom cômico.

Percebemos a partir da leitura dos autores consultados que o riso moderno apresenta-se como um riso que esclarecia, criticava e levava as pessoas a refletirem; enquanto o riso atual apresenta-se, no mais das vezes, como um riso vazio de significado, um humor descompromissado, objetivando somente ser lúdico. Mas até que ponto isso é verdade? Essa perspectiva dos autores sobre o riso de nossa época hipermoderna, que refere-se à impossibilidade de sentido e de visão crítica, nos leva a algumas reflexões: Não seriam apressadas essas conclusões sobre o humor via meios de comunicação? Será que na atualidade não somos capazes de produzir um humor com pretensões além do divertimento?

Referências

- ACSELRAD, Márcio. O humor como estratégia de comunicação. Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_112.PDF>. Acesso em: 31 set. 2008.
- ANDERSON, Perry. *As origens da Pós modernidade*. Jorge Zahar, 1999.
- ARRUDA, José Jobson de A. *História Moderna e Contemporânea*. Editora: Ática, 1975.
- AUBOUIN, Elie. *Les genres du risible: ridicule, comique, esprit, humour*. Marseilles: OFEP, 1948.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – o contexto de François Rabelais*. 2 ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- BARBOSA FILHO, Milton B. *História Moderna e Contemporânea*. São Paulo: Scipione, 1993.
- BARBOSA, Gustavo Guimarães; RABAÇA, Carlos Alberto. *Dicionário de comunicação*. São Paulo: Ática, 1987.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (Org.). *Uma história cultural do humor*. Trad. Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- ESCARPIT, Robert. *Lhumour*. Paris: PUF - Presses Universitaires de France, 1960.
- EVARD, Franck. *Lhumour*. Paris: Hachette, 1996.

-
- HOUAISS, Antonio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. 1. ed. Objetiva, 2001.
- JAMESON, Frederic. Postmodernism or the cultural logic of late capitalism, in *New Left Review*. 1982.
- LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébatien. *Os tempos hipermodernos*. Trad. Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Editora: Manoele, 2005.
- LYOTARD, Jean François. *A Condição Pós-Moderna*. Lisboa: Gradiva, 1979.
- MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Trad. Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: UNESP, 2003.
- NEUMANN, Laurício. Características e Dimensões Éticas da Modernidade e da Pós-Modernidade. DCS. Disponível em: <http://www.dcs.org.br/documentos/carac_dim_eticas_da_modernidade.doc>
- PINTO, Ziraldo A. *Ninguém entende de humor*. Revista de Cultura Vozes, Petrópolis, ano 64, n. 3, abril de 1970.
- PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.
- RAMONET, Ignácio. *Géopolitique du chaos*. Editora Galilée, 1997.
- Revista Época. São Paulo: Globo. EPOCA, 9 jun. 2003.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- SIQUEIRA, Holgosi Soares Gonçalves. *Ciência pós-moderna*. Jornal "A Razão". Pós Modernidade, Política e Educação. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/sk/holgosi/cienciapos-moderna.html>>.
- STABILE, Carol A. "Pós-modernismo, feminismo e Marx: notas do abismo". In: WOOD, Ellen M.; FOSTER, John. B (Orgs.). *Em defesa da história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- SWIFT, Jonathan. In: *Viagens de Gulliver*. Virtual Ebooks, 2000.
- TAVE, Stuart M. *A amável humorista: um Estudo do Cômico e Teoria Crítica do Séculos XVIII e XIX* Precoce. Chicago: U of Chicago P, 1960.
- TOMÉ, Cristina Maria de Sousa. *Entre o Burlesco e o Sublime - A sátira gráfica de William Hogarth e James Gilray*. 2000. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Minho.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Uma introdução ao estudo do humor pela lingüística*. Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada (D.E.L.T.A.), São Paulo, v. 6, n. 1, fev. 1990.